

SOCIABILIDADE, IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÃO EM REDE, UMA OBSERVAÇÃO NO *SECOND LIFE*: CONHECER PARA ENTENDER NOSSO DISCENTE EAD

Maringá-PR – Maio – 2014

**Prof. Evandro Paulo Bolsoni – Centro Universitário de Maringá – UniCesumar –
evandro.bolsoni@unicesumar.edu.br**

Educação Superior

Interação e Comunicação em Comunidades de Aprendizagem

Relatório de Estudo Concluído

RESUMO

A nova sociedade emerge em meio aos paradigmas entre os estudos sociológicos das redes sociais e seus espaços no ciberespaço, ao qual influencia cada sujeito pela facilidade comunicacional, o que gera o sentido de uma conexão generalizada, o que implica na alteração da forma de comunicação, agora todos-para-todos. Diante das transformações tecnológicas realiza-se a associação do termo sociedade em rede, e que somente existe essa associação e esse estado de sociabilidade porque os nodos interagem e colaboram para um bem comum, gerando laços para uma construção e reconstrução do “eu” na sociedade moderna. Conhecer a teoria da identidade, identificação, sociabilidade, os nodos e suas conexões, nos faz refletir e entender melhor nosso discente de EAD.

Palavras-Chave: Sociabilidade; Identidade; Identificação; EAD.

1. Identidade e Identificação

A questão da identidade sempre foi muito difundida e discutida por muitos pensadores. Alguns relatam, inclusive, que a velha identidade que estabilizara o mundo social está em declínio, o que fragmenta o indivíduo moderno, um sujeito antes unificado. Tal transformação vem modelando um novo sujeito, uma nova identidade pessoal. Para o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2009), a palavra *identidade*, que vem do latim *identitate*, refere-se à qualidade do idêntico. Numa segunda definição, o dicionário aponta que a identidade é o “conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa”.

Conceituar identidade não é um exercício fácil. Zygmunt Bauman (2005), relata que é um “beco sem saída”.

Numa sociedade que tornou incertas e transitórias as identidades sociais, culturais e sexuais, qualquer tentativa de ‘solidificar’ o que se tornou líquido por meio de uma política de identidade levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída. (p.12). A identidade – sejamos mais claros sobre isso – é um “conceito altamente contestado.” Sempre que ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade. (p.83).

Já o sujeito, para Dulce Dantas (1974), em seu estudo sobre os conceitos de Identidade e identificação através da ótica de Freud, estabelece sua identidade em dois ângulos: identificando-se com o meio social e distinguindo-se dele, desempenha papéis sociais e individuais e estabelece ligações com o meio, porém é através da tomada de decisões que há conquista da identidade individual, única. Sendo que é através do processo de identificação que o sujeito vai conquistando uma personalidade mais estruturada e estável, ou ainda por papéis que representa.

Sobre a identificação, as reflexões psicanalíticas de Freud fazem dela um mecanismo privilegiado de processos psíquicos, concebida como a intervenção “primitiva”, uma “ligação afetiva com outra pessoa”, um “parecer” com os pais, ou “ser” como ele é. Segundo Freud, “o desejo mais intenso e decisivo” dos anos infantis.

A identificação, portanto, traduz uma posição semântica do sujeito inclinado para a busca de uma identidade (absoluta, mas impossível) com quem de direito – os pais, conforme o exemplo do autor.

A identificação consiste em conformar o próprio eu analogamente ao outro tomado como modelo. Bauman (2005, p.91) relaciona a identificação a uma identidade alternativa, um personagem a ser assumido, um experimento, em que “(...) A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável”.

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Bauman (2005, p.17).

(...) podemos afirmar com segurança que a globalização, ou melhor, a “modernidade líquida”, não é um quebra-cabeça que se possa resolver com base num modelo preestabelecido. Pelo contrário, deve ser vista como um processo, tal como sua compreensão e análise – da mesma forma que a identidade que se afirma na crise do multiculturalismo, ou no fundamentalismo islâmico, ou quando a internet facilita a expressão de identidades prontas para serem usadas. (...) A política de identidade, portanto, fala a linguagem dos que foram marginalizados pela globalização. Mas muitos dos envolvidos nos estudos pós-coloniais enfatizam que o recurso à identidade deveria ser considerado um processo contínuo de redefinir-se e de inventar e reinventar a sua própria história. É quando descobrimos a ambivalência da identidade: a nostalgia do passado conjugada à total concordância com a “modernidade líquida”. (...) Qualquer que seja o campo de investigação em que se possa testar a ambivalência da identidade, é sempre fundamental distinguir os polos gêmeos que esta impõe à existência social: a opressão e a libertação. (p.10-13).

Hall (2005) destaca que, epistemologicamente, a noção de identidade sofre deslizamentos e começa a ser pensada como resultante de processos de interação entre sujeitos e sociedade. Dessa forma, o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; não uno, mas formado de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Essa fala do autor representa que não há possibilidade de a identidade ser essencial, fixa, coesa, permanente, imaculada, mesmo que os indivíduos, pautados pelo senso comum, ainda se auto referenciem/reconheçam como únicos e inalteráveis.

Maffesoli (1999) descreve que, para o sujeito, a identidade não se trata de uma construção, uma narrativa sobre si mesmo, mas da verdade como ela é. Destarte, à medida que os sistemas de significação e representação cultural são multiplicados, os indivíduos confrontam uma multiplicidade desconcertante de identidades possíveis, com cada uma das quais é possível se identificar.

Pode-se associar o quadro representado por Maffesoli (2006) ao individualismo e à sociabilidade.

Social		Sociabilidade	
Estrutura Mecânica (modernidade)	Versus	Estrutura complexa ou orgânica (pós-modernidade)	
Organizações		Massas	
Indivíduos (função)		Pessoas (papel)	
Grupos contratuais		Tribos	
Domínios cultural, produtivo, sexual, ideológico.			

Quadro 01 – Histórico de aplicação de análise de redes sociais

Fonte: Adaptado de Maffesoli (2006)

Já para Pierre Lévy, a identidade, identificação, atributos e significados vivem e se relacionam em espaços de significação, o que o autor descreve como “(...) mundos de significação e não categorias retificadas partilhando entre si objetos corporais” (2000, p.129). Como autor e pensador que discute amplamente a Identidade no ambiente do ciberespaço, sua obra não pode se ausentar deste trabalho. Ela está estreitamente atrelada ao advento das tecnologias de comunicação e seus efeitos sobre os seres humanos e a sociedade.

Relativo à identidade, diz-nos Lévy (2000) que no “(...) espaço do saber, a identidade do indivíduo organiza-se em torno de imagens dinâmicas que ele produz por intermédio de exploração e transformação das realidades virtuais das quais participa.” (p.134). Já o Intelectual Coletivo, que habita no espaço do saber, é aquele que se esboça nesse espaço de significações e de construção de conhecimento. Lévy (2000) conclui que:

O Intelectual Coletivo constrói e reconstrói sua identidade por intermédio do mundo virtual que o exprime. Quanto ao indivíduo, ele possui tantas identidades no Espaço do saber quanto produz “corpos virtuais”. (p.134).

1.1. A Identidade na Era da Internet

No contexto da internet e por sua usabilidade crescente por parte de milhões de indivíduos que se conectam e se relacionam, é pertinente interrogar como esses indivíduos “transportam” para essa nova tecnologia os diversos papéis identitários do “eu”.

A aproximação entre vida real e vida virtual é explicada na obra *O que é Virtual?* Pierre Lévy (2005). O pesquisador diz que “(...) o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual”, (p.16), tendo em vista que a virtualização seria o movimento inverso da atualização. Para Lévy, o real se assemelha ao possível e o atual em nada se assemelha ao real, mas sim, concede uma resposta a este. Já Castells (2001) destaca que as identidades são constituídas de fontes de significado para seus próprios atores, construídas por meio de um processo de individualização. Apesar da criação de uma nova identidade, ela é baseada em outra, pré-existente. E, de acordo com o autor, para um determinado indivíduo, pode haver várias identidades.

Hall (2005, p.7) destaca que a identidade torna-se uma “(...) celebração móvel, já que o sujeito assume identidades diferentes, e estas variam de acordo com o momento”. Assim, pode-se sugerir que a identidade do sujeito se torna uma extensão do “eu”, por meio da relação com seu avatar imerso no ciberespaço. As identidades antigas estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e provocando a fragmentação do indivíduo moderno: “(...) esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentralização do sujeito” (HALL, 2005, p.9).

1.2. O Social Midiático

Para Souza (2003), a sociedade está em constante transformação tecnológica, o que impulsiona a forma como as relações sociais se estabelecem; e essas tendem a uma aproximação por afinidades. Assim a tecnologia

(...) promove um redemoinho cultural nas inter-relações de todos os sistemas do planeta, provocando uma reorganização, um redimensionamento nas relações dos indivíduos na sociedade (...) vivemos hoje em uma sociedade com uma cultura midiática/ mediatizante, onde as mídias desempenham, a função de formadoras de opiniões, alteram hábitos e costumes, influenciam nas mais distintas áreas. (p.53;57).

Castells (2001, p.255) afirma que a rede é “(...) o tecido de nossas vidas” no momento atual. “Internet é sociedade, expressa os processos sociais, os interesses sociais, os valores sociais, as instituições sociais. (...)”; ela se constitui, portanto, na base material e tecnológica da sociedade unificada, em rede.

A nova sociedade, portanto, é marcada pelo acesso à informação, pela distribuição, pelo compartilhar, pelo social, pelo processamento compartilhado e pelo repositório de dados. Uma nova forma comunicacional social se estabelece integrada a sistemas e máquinas, uma simbiose. Porém, para o “eu”, é uma metamorfose constante, já que esse vive se adaptando às diversas situações. Castells (2001) afirma que, na internet, o indivíduo busca pessoas que têm os mesmos interesses, afinidades e valores que ele. Nesses “locais”, é capaz de existir sociabilidade, relações e redes de relações humanas.

Na cibercultura, há o sentido de uma conexão generalizada, o que implica na alteração da forma de comunicação, agora todos-para-todos. Colaboração e cooperação são palavras de ordem neste novo contexto sociocultural pós-moderno. O virtual se refere a uma categoria verdadeira como no mundo real; o virtual como complemento do real; oposto ao real; aquilo que não é palpável.

Para Castells (2001), pode-se dizer que esse novo espaço é chamado de a rede mundial de computadores, mas também de ciberespaço. O termo foi cunhado a partir da publicação do livro *Cybernetics - Control and Communication in the Animal and the Machine*, por Norbert Weiner, em 1948. Já em Língua Portuguesa, quase que reinventamos a palavra, introduzindo-a em várias instâncias da sociedade, como cibercultura, ciberespaço, cybercafé, *cyberpunk*.

O termo ciberespaço vem de duas palavras, para as quais se busca uma explicação, Kybernetes (Origem Grega) => Cyber (Origem no Inglês) => Ciber.

Kybernetes é considerado para aquele que tem a visão além de seu tempo e para uma pessoa que se define por ser confiante.

A tecnologia proporciona uma compressão do espaço tempo, visto sua velocidade e possibilidade, um momento de tempo fluido na sociedade moderna. É o tempo do presente físico que se altera para um sentido de virtualidade, do sentido da interatividade mediada, em que o papel das novas

tecnologias está presente em um mundo novo, totalmente envolvido por conexões, fato este confirmado por Albert-László Barabási (2009) em seu livro *Linked – A nova ciência dos networks*. E por Marc Augé e Zygmunt Bauman, que relatam sobre um não-lugar e a modernidade líquida.

Lévy (1999) relata também sobre a artificialidade dos ambientes não-físicos, enfim, virtuais, espaços territoriais virtuais que concentram grande quantidade de conexões entre os indivíduos que por muitas vezes tratam essas conexões de uma forma artificial e sem importância.

A possibilidade de conexão através dos diversos meios de comunicação existentes, como relata Barabási (2009), remete-nos a um estado de link (ligar) de um ponto a outro de forma on-line. Como base dessa possibilidade comunicacional tem-se a internet.

Já para Pierre Lévy (2005, p.16), "(...) o virtual não se opõe ao real e sua efetivação material, mas sim ao atual". Para o autor, o ciberespaço é um ambiente de representações, de simulação e conexão com o real.

A cada momento que acontece o diálogo, a pesquisa, se estabelece a sociabilidade, o ciberespaço se expande por meio das conexões criadas por seus elementos, que são interconectados e trocam informações, alimentando o ciberespaço com novas informações. Isso o torna universal, modificando espaços, sociedade, pessoas, modos de partilha, governos, a economia global e, sobretudo, a forma e as pessoas, bem como a construção da identidade e a criação de suas identificações.

Para Manuel Castells (2001), o conceito de rede é simples e objetivo, que se define por um conjunto de nós interconectados, mas que haja compartilhamento dos mesmos códigos de comunicação.

(...) redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. (p.498).

Manuel Castells (2001) propõe uma visão mais profunda do que é a sociedade em rede e qual comportamento das redes em meio aos processos de transformação da sociedade e do indivíduo, pois "(...) os processos de transformação social sintetizados no tipo ideal de sociedade em rede

ultrapassam a esfera das relações sociais e técnicas de produção: afetam a cultura e o poder de forma profunda" (CASTELLS, 2001, p.504).

Nessa sociedade tecnológica, as práticas sociais são modificadas por meio das tecnologias, que afetam o meio, o sujeito e suas relações, ao qual Castells (2001) apresenta quatro aspectos principais para a sociedade em rede: 1. Centralidade da tecnologia da informação; 2. Refinamento da teoria sociológica; 3. Proposição do conceito de modo de produção à noção; 4. Proposição do modo de desenvolvimento.

De acordo com Castells (2001, p.24), a tecnologia da informação está presente em todas as esferas da atividade humana, há "(...) penetrabilidade em todas as esferas da atividade humana" (...) "devemos localizar este processo de transformação tecnológica revolucionária no contexto social em que ele ocorre e pelo qual está sendo moldado".

Para Castells (2001), essa nova sociedade é centrada na usabilidade das informações, na aplicabilidade, tendo como base os avanços tecnológicos que provocam alterações constantes nas relações sociais, nos sistemas de valores e no poder. As novas tecnologias potencializam e determinam a criação da sociedade em rede, que, no processo, "(...) agruparam-se em torno de redes de empresas, organizações e instituições para formar um novo paradigma societécnico" (CASTELLS, 2001, p.77).

Diante das transformações tecnológicas realiza-se a associação do termo sociedade em rede com o advento da usabilidade da *World Wide Web*. Ressalta-se o fato de que somente existe essa associação e esse estado de sociabilidade porque os nodos interagem e colaboram para um bem comum, gerando laços para uma construção e reconstrução do "eu" na sociedade moderna. Esses nodos e suas conexões, para Castells (2001):

(...) a sociedade em rede é uma estrutura social dominante do planeta, a que vai absorvendo pouco e pouco as outras formas de ser e de existir. E as suas consequências, como no caso de outras sociedades que existiram historicamente, dependem do que as pessoas fazem, incluindo nós, nessa sociedade e com os instrumentos que essa sociedade oferece (p.79).

Castells (2001) ressalta que a tecnologia proporcionou a existência e o desenvolvimento da sociedade em rede, os atores são aproximados pela facilidade comunicacional em meio às possibilidades tecnológicas.

Essa nova sociedade emerge em meio aos paradigmas entre os estudos sociológicos das redes sociais e seus espaços no ciberespaço, sendo que as redes constituem “(...) a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e da experiência, poder e cultura” (CASTELLS, 2001, p.79).

2. Uma Observação do Discente no MDV3D

Conhecer a teoria da identidade, identificação, sociabilidade, os nodos e suas conexões, nos faz refletir e entender melhor nosso discente de EAD, e que conseqüentemente proporcionará melhor atendimento ao discente, quiçá explorar novas formas de interação com equipes preparadas, essas por sua vez, que tenham conhecimentos interdisciplinares, que certamente propiciará um aumento efetivo da taxa de eficiência e qualidade no atendimento discente de EAD.

Para Lévy (2005), o virtual tende a atualizar-se, “a árvore está virtualmente presente na semente”. Com a utilização de diversas tecnologias, os sujeitos são representados virtualmente, seja pela usabilidade de *nicknames*, *fakes* e pseudônimos possíveis, como também por meio da representação de avatares em MDV3D. Neste estudo, abordaram-se esses termos como uma extensão do real, em que os ambientes virtuais se tornam cada vez mais imersivos, de forma a possibilitar a sociabilidade imersiva, em uma realidade paralela em uma sociedade em rede. Por meio do método da observação esses conceitos foram evidenciados durante a realização de um minicurso e observações no próprio ambiente MDV3D, conforme fotografia e figura apresentadas abaixo.



Fotografia 01 – minicurso no SL, personalização da aparência do avatar. Fonte: Do autor, minicurso



Figura 01 – Interatividade com outros avatares
Fonte: Do autor, no SL

2. Considerações Finais

Assim, acredita-se que a re-construção do “eu” virtual digital no contexto da identidade, identificação e sociabilidade proporciona alterações no cotidiano social do sujeito. Ao mesmo tempo, as redes digitais sociais e ambientes virtuais educacionais potencializam o intelectual coletivo, a reconstrução permanente da identidade e promovem mudanças em como observamos e somos observados no ciberespaço e no real físico.

É possível afirmar que nos projetamos no ecrã, fazendo do ciberespaço um laboratório de nossa própria identidade, sem perceber se esse espaço é real ou virtual, pois os sujeitos estabelecem para aquilo que está no virtual, também como uma extensão do real.

Referências

- BARABÁSI, Albert-Lászlo. **Linked: A nova ciência dos networks**. Tradução de Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Leopardo, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. v.1. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. *in* A era da informação: Economia, sociedade e cultura.
- _____. **O Poder da Identidade**. v.2. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. *in* A era da informação: Economia, sociedade e cultura.
- DANTAS, Dulce de Queiroz Campos. **Identificação e Identidade: Numa Perspectiva Psicanalítica**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC. Dissertação de Mestrado em Psicologia. 1974.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- _____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- _____. **O Que é o Virtual?**. Tradução de Paulo Neves. 7. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- _____. **O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- SOUZA, Carlos Henrique Medeiros. **Comunicação, Educação e Novas Tecnologias**. Rio de Janeiro: FAFIC, 2003.